

EXPERIMENTAR(-SE) (N)A CONSCIÊNCIA SOBRE SI MESMO: A IDEIA DA AVENTURA HUMANA NA E PELA LINGUAGEM

*Homenagem à professora Marlene Teixeira, que,
na e pela vida, ensinou-me a compreender o
paradoxo que rege a possibilidade da linguagem e
a impossibilidade da palavra.*

Sandra Klafke¹

sandra_klafke@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo parte de uma perspectiva antropológica de leitura da obra de Émile Benveniste (1995; 2006) e tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca da linguagem como aquilo que torna significante a ação do homem no mundo. Em vista disso, problematiza-se, a partir da noção benvenistiana de língua-discurso, o processo metalinguístico por meio do qual o homem se inscreve na língua e preenche de sentido a matéria que a constitui.

Palavras-chave: enunciação; antropologia; linguagem; língua-discurso.

INTRODUÇÃO

Este texto é reflexo dos anos em que tive o privilégio de estudar e de aprender com a professora Marlene Teixeira, a quem devo a formação de meu pensamento no âmbito da linguística da enunciação². Nos últimos seminários em nível doutoral, no ano de 2014, as

¹ Sandra R. Klafke V. Doutora em Linguística Aplicada – UNISINOS.

² O ponto de vista enunciativo que endossa este artigo, conforme Klafke (2016: 115), é: “**Enunciação:** é toda *potência* que se realiza no *ato-processo* singular e irrepetível de inscrição do homem na/pela linguagem. É a *potência* de *querer dizer* que provoca no homem em estado de contingencialidade a vontade de existir e de assumir lugar no mundo (subjetividade) como centro de toda referência, em determinados tempo e espaço, subjetivando e dessubjetivando, sub e intersubjetivamente, a/na/pela linguagem”.

preocupações do grupo de estudos³ coordenado por ela voltavam-se para o entendimento da obra benvenistiana do ponto de vista de uma ciência geral do homem. Dessa maneira, sobre o axioma “o homem está na língua” (Benveniste, 2006) é que se organiza este artigo, cujo objetivo é apresentar, com base na teoria da enunciação derivada da obra de Émile Benveniste (PLG I e II) e na perspectiva de leitura antropológica da obra do linguista sírio que apreendi com a professora Marlene, uma reflexão acerca da linguagem como aquilo que torna significativa a ação do homem no mundo.

É importante destacar que a discussão em torno dos limites fundados pela faculdade da linguagem na vida do homem não é novidade entre os estudiosos dessa noção. Entre linguistas e filósofos, por exemplo, homem e linguagem apresentam-se como problematizadores em virtude do caráter esquivo de ambos, que teima em torná-los, a cada vez, únicos e insubordináveis frente a categorias de análises predefinidas. Homem e linguagem parecem subverter a lógica da ciência moderna⁴, já que tencionam e interrogam padrões, arquétipos e, conseqüentemente, a reprodução em série de resultados e análises.

A linguagem um dia foi descrita por Saussure (2008: 17) como “[...] cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica [...]”, que “não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos [...]”. E o homem, pelos filósofos, desde as primeiras questões, foi entendido como o “vidente que possui linguagem” (Agamben, 2008: 10). Especula-se, dessa maneira, que, ao contrário do que um dia a experiência do cogito cartesiano⁵ pregou (“penso, logo existo”), é possível estudar a linguagem separada da categoria do homem, como mostra Saussure (2008), no *CLG*, através das duas dimensões que ela comporta (língua e fala). O contrário não funciona: o homem nasce imerso na linguagem que lhe é facultada e é indissociável dela. Sendo assim, o estudo da categoria de homem implicaria, em alguma dimensão, a linguagem, ou alguma dimensão da linguagem. Logo, pode-se inverter a ideia do cogito: o homem não “pensa e logo existe”⁶, ele existe e por isso pode pensar, podendo assim criar discurso articulado sobre a cultura da/na qual emerge.

³ *Grupo de Estudos Enunciação em Perspectiva* (GEEP), coordenado, até abril de 2015, pela prof^a. Dr^a. Marlene Teixeira, junto ao PPG em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁴ O filósofo e antropólogo Bruno Latour (1994) entende que a ciência somente mudará no momento em que tiver condições de pôr em diálogo objeto pesquisado e contexto social, pois acredita na existência de um ponto convergente entre ambos, um cruzamento que coloca em relação as coisas em si e o *mundo dos homens entre si*, o que impossibilitaria, portanto, a separação entre homem e ciência e implicaria uma visão de ciência que os comungasse.

⁵ “Benveniste concebe a subjetividade na enunciação como um emissor bem mais complexo do que o sujeito cartesiano [...]”. (Kristeva, 2014: 38 – prefácio).

⁶ Frase inspirada nos estudos do filósofo, poeta e escritor francês Paul Valéry.

Em busca da possibilidade de pensar que o homem, na e pela linguagem, passeia pela cadeia significante, produzindo um segundo nível de enunciação⁷, em virtude de sua capacidade metalinguística, por meio da qual ele se inscreve na língua e preenche de sentido a matéria que a constitui, é que se organiza este artigo. A leitura que proponho da teoria da enunciação benvenistiana nada mais é do que eco das lições que tive com a professora Marlene. Por esse motivo, o esforço desta escrita é no sentido de, tal como foi-me ensinado, abordar o fenômeno da linguagem sem “domesticá-lo ao que a razão *suporta*”. (TEIXEIRA, 2012: s/p⁸).

1. LINGUAGEM, HOMEM E SOCIEDADE: UMA VISADA NA E PELA LÍNGUA⁹

A linguística sobre a qual teoriza Benveniste (1995; 2006) evidencia uma espécie de “[...] ir além¹⁰, a partir de Saussure, com Saussure” (Flores, 2013: 78). É interessante perceber que, seguindo os passos do mestre genebrino, ou seja, concebendo a língua como “realidade inconscientemente herdada”, “imaneente ao indivíduo e transcendente à sociedade”, Benveniste rumo para além do mundo fechado do signo linguístico. É no universo discursivo e, ainda além, na ideia de língua-discurso, a língua individual legada a cada um de nós, que o linguista sírio compreende que

[...] nenhuma língua é separável de uma função cultural. Não há aparelho de expressão tal que se possa imaginar que um ser humano seja capaz de inventá-la sozinho. [...] É o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária [...] (Benveniste, 2006: 24).

⁷ Segundo nível de enunciação: “O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (Benveniste, 2006: p. 66).

⁸ TEIXEIRA, 2012, s/p. Texto que organizou a fala da Prof^a Dr^a Marlene, no *Premier Congres de la Societé Internationale D'ergologie, Strasbourg*. Título: *Penser a utrement la vie, l 'activité, le travail*. Data: 27-28 septembre – 2012.

⁹ Parte deste artigo é resultado do primeiro capítulo da tese de Klafke (2016); estudo orientado por Marlene Teixeira até a banca de qualificação, em janeiro de 2015. A finalização desta pesquisa correu sob acompanhamento da Dr^a Maria da Graça Krieger e orientação do Dr. Valdir do Nascimento Flores.

¹⁰ Alguns linguistas acreditam que Benveniste realizou uma espécie de “releitura” de Saussure, e neste processo acrescentou, reformulou e (re)construiu novas perspectivas, sobre o alicerce erigido por ele. “[...] Benveniste separa-se, sem o declarar, de Saussure. Ele nos diz que se trata somente de ‘ir além’ no estudo da significação; na realidade, pode-se pensar que ele vai a outro lugar: retorno a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha encoberto, abertura para descrições integrando traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em toda enunciação”. (Normand, 2007: 19).

No *Curso* (Saussure, 2008), encontramos diversos momentos em que linguagem, língua e sociedade aparecem como interdependentes, tal como no capítulo terceiro: “a linguagem tem um lado individual e outro social, sendo impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 2008: 16); ou, ainda sobre a linguagem: “[...] a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado”. (Saussure, 2008: 16). Ora, logicamente, se a linguagem é individual e social ao mesmo tempo, podemos entender que nela há uma parcela disponível a todos, algo socialmente compartilhado. Ao homem (aqui, propriamente o ser antropológico dotado da faculdade da linguagem) é dada a oportunidade de “receber uma fatia” do que é de domínio comum, obtendo *sua porção individual* da linguagem. Porém, é importante frisar que a língua é legada ao homem como um todo, daí a possibilidade de que, ao longo da vida, ele possa incorporar novos substratos da língua (toda) à sua língua particular.

No artigo de 1969, *Semiologia da língua*¹¹, Benveniste (2006) apresenta a linguagem, com base na teoria de Saussure, como “multiforme e heteróclita”, constituída, concomitantemente, de substâncias fisiológica e psicológica. Lembra, ainda, que, mesmo de domínio do individual e do social, ela não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos porque não se pode inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um “todo por si e um princípio de classificação” (Saussure, 2008: 17), daí sua capacidade de ocupar o primeiro lugar entre os fatos humanos. Ela é “[...] uma identidade em meio às diversidades individuais”. (Benveniste, 2006: 97).

O linguista sírio explica não ser possível “descolar” linguagem e sociedade, uma vez que o nascimento de ambas se deu em conjunto, mas adverte que a evolução de cada uma se dá separadamente, pois mesmo as reviravoltas sociais mais profundas não são capazes de desestabilizar a estrutura da língua. Isso se justifica em virtude do fundamento que compõe cada uma das categorias. Língua e sociedade são estruturas com bases completamente diferentes. A primeira é composta por unidades distintivas definidas por serem discretas, em número finito, combináveis e hierarquizadas. Já a segunda é de natureza dupla, não podendo ser reduzida ao mesmo esquema da língua, pois nem os indivíduos e nem os grupos podem ser decompostos em unidades.

Para Benveniste (2006), nada pode ser compreendido se não foi, em algum momento, “reduzido à língua”. Por ser o sistema que abriga a dupla significância, a língua contém a sociedade e, quando em ato, no discurso, põe em evidência “a variação da referência na estabilidade da significação”. (Benveniste, 2006: 100). Do estudo da língua, o autor sírio

¹¹ Devido aos limites deste texto, e dada a complexidade do artigo, o tema “semiologia” não será tratado em especificidade.

depreende sua natureza dupla, que é a de, ao mesmo tempo, ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. A relação entre língua e sociedade é sincrônica e semiológica, sendo a língua o interpretante e a sociedade o interpretado. A língua contém a sociedade porque pode ser estudada, decomposta em unidades e analisada independentemente do social, mas o contrário não é possível, já que descrever a sociedade só é viável através da língua; “[...] a língua inclui a sociedade, mas não é incluída por esta”. (Benveniste, 2006: 98).

O artigo de 1966, *A forma e sentido na linguagem*, refere ser o signo linguístico a unidade semiótica dotada de significação e que ele tem sua existência atrelada à sua aceitabilidade no uso da língua. “O que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe”. (Benveniste, 2006: 227). Eis a principal característica do domínio semiótico: ser reconhecido; se não o é, não existe. Isso ocorre porque, no interior da língua, os signos se orientam por redes de relações e de oposições que os delimitam. O domínio do semântico, local onde está abrigada a frase, alude à língua em ação/uso e sobre esse aspecto não encontramos referência na obra de Saussure, o que indica que a reflexão de Benveniste rumo para fora do mundo do signo.

Sendo assim, não existe sociedade sem língua, pois apenas somos capazes de interpretar e de atribuir sentido quando atravessamos, por meio do ato de reconhecer, a barreira semiótica. No semântico, chegamos à significação. “A significância da língua [...] é a significância mesma, fundando a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura”. (Benveniste, 2006: 60). Não existe, para o linguista, a possibilidade de a língua diluir-se na sociedade. “O signo semiótico existe em si e funda a realidade da língua”. (Benveniste, 2006: 229-230). Se com o signo temos a realidade intrínseca da língua, “com a frase se liga às coisas fora da língua”. (Benveniste, 2006: 230). Por mais que “nomeie o mundo” (e o faz no interior de um sistema), a passagem do signo à palavra depende da apropriação da língua pelo locutor.

A língua é social à medida que independe do indivíduo, como já sinalizou Saussure (CLG, 2008), e é somente na coletividade que ela existe de modo completo. O entendimento de língua como viabilizadora da existência coletiva implica o reconhecimento de que nela está depositada a significância do signo. Por isso, “[...] somente a língua constitui o que mantém juntos os homens [...], a relação de interpretância, que é semiológica, inverte a relação de encaixe, que é sociológica”. (Benveniste, 2006: 63). Ela não completa a sociedade, mas a viabiliza. Age junto à sociedade, mas nela não se encaixa, porque decifra e fundamenta todas as suas relações. Benveniste encontra para a língua um lugar particular no universo dos sistemas semióticos, pois, ainda que os signos dos outros sistemas sejam interpretados

integralmente pelos signos da língua, o inverso jamais acontece. A língua tem a capacidade de falar dela mesma, criando um segundo nível de enunciação pela faculdade de ser sua própria metalíngua.

Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas. (Benveniste, 2006: 66).

Para Benveniste, a língua, como interpretante da sociedade, não deve mudar tanto quanto o interpretado, mas, sim, ser capaz de registrar, de designar e até mesmo de orientar as mudanças que dele sobrevêm. Outra condição que merece destaque é a impossibilidade de conversão e de interpretação mútua entre os sistemas: somente à língua cabe interpretar a sociedade: “[...] a língua pode acolher e nomear todas as atividades que a vida social e as condições técnicas produzem, mas nenhuma destas mudanças reage diretamente sobre sua própria estrutura” (Benveniste, 2006: 98). As mudanças no sistema da língua nunca podem ocorrer ao mesmo tempo ou em dissonância (no sentido de mais rapidamente) daquelas que ocorrem na sociedade. No sistema da língua, as mudanças ocorrem muito lentamente, e o autor sírio nos adverte que a sociedade só identifica essas mudanças ao final de muitas gerações.

2. A PALAVRA E PALAVRA MINHA: UMA QUESTÃO DE REFERÊNCIA

“É pelo exercício da linguagem que os seres humanos se constituem em indivíduos pensantes, capazes de experimentar sua própria coerência, sua identidade”¹². A afirmação de Dessons (2006) constitui-se como frase inicial deste item porque vem ao encontro da leitura que faço da teoria de Benveniste, na qual percebo um interesse muito grande do linguista sírio para compreender, e, talvez, ressignificar a capacidade do locutor¹³ para se fazer sujeito¹⁴, assim como a experiência do homem na linguagem e em relação com o mundo. A ideia que defendo é a de que a experiência de cada um com a palavra constitui a possibilidade da enunciação e organiza o lugar do *eu* como centro de toda referência. O exercício da

¹² Escrita original: “C’est par l’exercice du langage que l’être humain se constitue en individu pensant, capable d’éprouver sa propre cohérence et son identité”. (Dessons, 2006: 99).

¹³ Locutor: aquele que, aparelhado pela língua, imprime consciência à casa pronominal “eu” e se institui como sujeito.

¹⁴ Sujeito: aquele que é feito, não origem da enunciação.

linguagem e a situação que lhe é inerente apresenta uma dupla função: criar a realidade a partir de quem fala e recriar a realidade a partir de quem ouve.

Agamben (2008) acredita que o lugar da experiência pode ser lido em Benveniste na brecha entre o semiótico e o semântico, propostos pelo linguista a partir do par língua e fala que lemos em Saussure. O filósofo insiste que é sobre esta brecha que

[...] permanece o incontornável com o qual toda reflexão sobre a linguagem deve confrontar-se [...] eis que as ciências da linguagem, com reserva especial à linguística, foram alocadas pelo linguista sírio para frente [...] de sua aporia suprema, a partir da qual ela não pode prosseguir sem transformar-se em filosofia. (Agamben, 2008:14).

A língua é o sistema posto a serviço do sujeito, que dela se apropria e utiliza de modo singular e irrepetível; “[...] a partir do momento em que se trata do homem que fala, o pensamento reina e o homem está inteiramente no seu querer falar, ele é sua capacidade de fala”. (Benveniste, 2006: 19). Falar, para Benveniste, é sempre “falar de alguma coisa”, e cada ato de apropriação da palavra implica, necessariamente, a situação de discurso e a atitude do locutor. A dupla função do discurso nos processos de troca institui a comunicação intersubjetiva como central à língua em ação. O signo linguístico só adquire “realidade” quando convertido em palavra na enunciação. A língua é uma “identidade em meio às diversidades individuais” (Benveniste, 2006: 97), e comporta duas distintas propriedades:

Há a propriedade que é constitutiva de sua natureza de ser formada de unidades significantes, e há a propriedade que é constitutiva de seu emprego de poder arranjar esses signos de maneira significativa. Estão aí as duas propriedades que é preciso manter distintas, que comandam duas análises diferentes e que se organizam em duas estruturas particulares (Benveniste, 2006: 99).

Da relação entre língua, homem e sociedade, entendo que o construto social do qual participamos pode influenciar na maneira como prestamos testemunho de nossa existência como viventes na e pela linguagem: “[...] a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação do intentado, produzida pela sintagmatização das palavras, em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo”. (Benveniste, 2006: 233-234). Sendo assim, acredito que as atribuições de sentido que emergem da dinâmica historicidade humana são elementos constitutivos do processo de significação¹⁵ e,

¹⁵ “Para retermos por um instante o que cada um compreende por significação, pode-se tomar como aceito que a linguagem é a atividade significante por excelência, a imagem mesma do que pode ser a significação; todo e qualquer modelo significativo que possamos construir será aceito na medida em que se parece em tal ou tal de seus aspectos àquele da língua. Efetivamente, desde que uma atividade é concebida como representação de

por meio delas, repercutem as inúmeras semânticas. Portanto, à parcela semiótica da língua cabe constituir o signo linguístico enquanto unidade (reconhecimento), e ao encargo do semântico fica a identificação do signo com o ato-processo enunciativo e com as instâncias discursivas. O semântico é a própria realização da significância engendrada pelo discurso. “Antes da enunciação, a língua é não senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno”. (Benveniste, 2006: 83-84).

Se levarmos em consideração o pensamento até aqui construído, é possível dizer que *o viver* do homem é contingencial e fomentado por dois diferentes vieses: experiências vividas e experiências não vividas. Nessa direção, lê-se em Benveniste (2006) a respeito do conceito de semantismo social, parte da língua que consiste especialmente em designações e fatos de vocabulário, como o local que abriga conteúdo abundante para os pesquisadores (historiadores da sociedade e da cultura), uma vez que conserva testemunhos sobre as formas e frases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção etc.

O semantismo social sugere que os signos são capazes de carregar marcas aptas a instaurarem certa referência social, adquirindo valor quando ligados entre si e coordenados a determinada referência instanciada na e pelo uso da língua. A unidade da frase não é o signo, e, sim, a palavra preenchida de sentido pelo falante da língua. A organização das palavras que constituem nossa linguagem particular se dá nos *aqui-agora* da enunciação, nos quais mobilizamos as parcelas (herança e contato) da “língua toda” que acessamos e as transformamos em discurso construído e fundado nas experiências linguísticas que temos ao longo da vida. As múltiplas referências que podemos atribuir a um termo, e Benveniste (2006) utiliza língua e sociedade como exemplos, são testemunhas e condição do uso que devemos fazer das formas. “O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de *subsumir* em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação”. (Benveniste, 2006: 100).

Ainda que sejamos diariamente expostos a incontáveis experiências languageiras ou a diferentes variações de referência atribuídas ao semantismo social, nem toda palavra é agregada ao volume constituído por nós como “palavras nossas”, pois, para que ingressem em nossa língua-discurso, é necessário que preenchamos a cisão entre língua-sistema e discurso com nossa experiência. Só agregamos à língua-discurso o que conseguimos transpor de

alguma coisa, como ‘significando’ algo, é-se tentado a denominar a linguagem; fala-se assim de linguagem para diversos tipos de atividade humanas, todos sabemos, de modo a instituir uma categoria comum aos variados modelos”. (Benveniste, 2006: 223).

“palavra muda” para a enunciação. Enunciar é fazer uma escolha e escolher gera rupturas, instaurar-se como sujeito é coexistir não só com a língua, mas também com os ecos de enunciações (por nós) não enunciadas:

O *eu* experimenta a si mesmo antes de estabelecer a referência na instância de enunciação para a qual parte tendo como bagagem não toda a potência dos ditos e não ditos, tampouco a “língua toda”, mas aquilo que herdou do sistema, sua língua-discurso, cujas unidades, as palavras, quando postas em ação na instância de enunciação, testemunham sobre ele mesmo. A sentença “falar a partir de si” faz sentido quando se considera que cada enunciação parte e retorna a quem a profere, uma vez que nos constituímos intersubjetivamente na interação com o outro, para quem orientamos e “moldamos” nosso dizer; “[...] a língua que é assim a emanção irreduzível do *eu* mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva a toda a coletividade”. (Benveniste, 2006: 101).

A habilidade do outro (*tu*) para me compreender se dá não só a partir de sua capacidade de reconhecer minha palavra como pertencente à língua, mas também em virtude do valor e da referência das frases que organizam minha enunciação, em determinados tempo e espaço. O *eu* só se subjetiva porque existe não apenas o *tu*, mas também o *ele*, a não pessoa, que o permite sair da dualidade *eu-tu* para predicar sobre o ausente. A comunicação intersubjetiva constitui-se em se fazer sujeito na língua, ocupando lugar no mundo e emergindo como efeito de um dizer.

A língua fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele. [...] A língua é um sistema comum a todos; o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação. Nesse sentido, as configurações da palavra são cada vez únicas, embora se realizem no interior – e por intermédio – da linguagem. Há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a língua (Benveniste, 1995: 84).

É a partir do *reconhecer* (Benveniste, 2006) próprio da experiência com a língua que o homem agrega palavras à sua língua-discurso. O signo, por si só, não tem relação natural com aquilo que designa, mas carrega o semantismo social que é captado pelo locutor a cada ato individual de apropriação da língua. Logo, o locutor é o laço que une a língua sistêmica e a sociedade, a língua individual e a cultura, é o pêndulo que vibra entre vida mental e vida em sociedade.

É em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963/PLGI) que podemos encontrar a ideia de cultura por trás da perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. Nesse

artigo, o linguista apresenta a cultura como “meio humano”¹⁶, algo para além do biológico, dando forma e conteúdo à vida e à atividade humana. Sendo assim, o linguista esclarece que:

A aquisição da língua é uma experiência que vai a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto. Ela aprende as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender o nome lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam. Assim desperta nela a consciência do meio cultural onde está mergulhada e que moldará pouco a pouco o seu espírito por intermédio da linguagem. (Benveniste, 1995: 31).

Para Benveniste, a língua é prática humana, pois “[...] revela o uso particular que os grupos ou classes fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum”. (Benveniste, 2006: 102). O autor entende que a língua, no interior da sociedade, opera como um sistema produtor de sentidos em virtude do código que a condiciona, que a permite, também, produzir infinitas enunciações, especialmente em função de “[...] certas regras de transformação e de expansão formais; ela cria, portanto, formas, esquemas de formação; ela cria objetos lingüísticos que são introduzidos no circuito da comunicação”. (Benveniste, 2006: 103). Sendo assim, Benveniste (2006) indica que o termo “comunicação” deveria ser compreendido na ordem do “tornar comum” e visto como um processo em “trajeto circulatório”.

Nesse sentido, lemos sociedade e cultura, assim como a língua, como grandezas inconscientemente herdadas, sendo as primeiras independentes da língua, ainda que dela necessitem como interpretante para que possam existir como parte do arranjo semiológico¹⁷. Sendo a língua “imaneente ao indivíduo e transcendente à sociedade” (Benveniste, 2006), dizer que cada um de nós tem uma língua-discurso formada por um semântico particular não significa que atribuímos às palavras, cada um a seu modo e vontade, um significado “só compreendido por nós mesmos”. Constitui, sim, a ideia de que cada um de nós tem uma experiência diferente com o sentido proveniente das palavras, sozinhas ou no discurso.

O arranjo de meu discurso como locutor aparelhado pela língua se organiza com base nas experiências que adquiri com a transformação das frases em enunciado, nos *aqui-agora* a que fui exposta ao longo de minha vida, momento em que subjetivei a língua por meio de

¹⁶ Flores (2013) destaca que a temática social pode ser lida em Benveniste também em “Da subjetividade na linguagem”; na 6ª parte dos Problemas de Linguística Geral II, e no texto “Dom e troca no vocabulário indo-europeu”. Porém, neste ítem, em virtude da pré-seleção de artigos, detive-me apenas às apreciações contidas em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” e “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística”.

¹⁷ Para Flores (2013: 114), em “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, Benveniste estuda a sociedade em consonância com sua teoria dos pronomes, e com essa perspectiva inclui o “[...] falante em seu discurso, [...] permite situá-lo na sociedade na condição de participante. Tal condição se apresenta numa *rede de relações espacotemporais* determinantes dos *modos de enunciação*”.

minha impressão sobre o mundo. Com isso, quero articular que uma mesma palavra tem sentidos¹⁸ (ideia de *sentir* – processo metalinguístico e singular por meio do qual o ser humano exercita a intrínseca relação entre si mesmo e a força que dá às palavras de sua língua individual e que se aproximam¹⁹ da função significante de seu dizer) diferentes para cada pessoa. Porém, de forma alguma isso torna o semântico, como domínio, tal como aprendemos em Benveniste (2006), totalmente particular, pois particular é apenas a maneira como cada um de nós se relaciona com as palavras da língua que constitui nossa língua particular (língua-discurso).

Porém, onde é que o homem encontra meios para formar sua língua-discurso? Ora, a cada proposição de si, em diferentes aqui-agora da enunciação, o homem experiencia a si e ao outro, tornando complexa, aparelhado pela língua, a aventura, na e pela linguagem, que é viver e enunciar a si ao mesmo tempo em que carrega, a cada ato-processo enunciativo, ecos de outros discursos, de outros sujeitos. Colocar-se na posição de locutor é ser capaz de carregar ecos. É ser capaz de abrir espaço (eu/eu falo) e ocupar lugar na vida, é contrapor-se, filar-se e ratificar posições sobre o mundo. Nesse processo, o homem em comunhão com o meio humano, pela subjetivação da língua, perpetua-o e o transforma:

A cultura define-se como conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade [...] (Benveniste, 1995: 32).

Para o linguista sírio, seguidamente à citação em destaque, é o símbolo aquilo que garante o elo entre a língua, o homem e a cultura. Dessa maneira, devemos entender, pensando na ideia da língua-discurso formada por um semântico particular, que, da mesma forma que o semiótico, o semântico também é compartilhado. Certamente, às vezes a dimensão semântica escapa ao usuário da língua por questões culturais ou, até mesmo, em virtude da polissemia. No entanto, o que quero tratar como semântico particular não vai por

¹⁸ Significar, de acordo com a leitura que Kristeva faz da teoria de Benveniste, é uma propriedade inicial e essencial à língua. Dessa maneira, não podemos acreditar que a significação esteja encerrada nas “unidades-signo” (concepção de Saussure), uma vez que ela “transcende as funções comunicativa e pragmática da língua” (Kristeva, 2014: 40). Ao final dessa reflexão, a autora relembra o postulado benvenistiano tão evocado nesta tese, que diz: “bem antes de comunicar, a linguagem serve para viver” (In Kristeva, 2014).

¹⁹ Recentemente, Flores (2015) publicou um artigo em que considera o falante como um etnógrafo da própria língua. No texto, o autor elabora a ideia de “contorno de sentido”, noção importante para o que construo aqui: “O falante, ao *contornar* semanticamente a materialidade da língua, explicita um saber, o seu saber, acerca ela. Esse saber cumpre uma função quase etnográfica na economia – no arranjo ou modo de funcionar de diversos elementos de um conjunto maior – do uso da língua”. (p.91).

esse viés. O semântico particular que preenche as palavras de minha língua-discurso deixa transparecer minha visão de mundo, minha forma de subjetivar²⁰ a língua. Só eu sou capaz de saber qual é sensação de lidar com as palavras de minha língua-discurso e com o discurso que organizo com elas.

A realidade partilhada por *eu* e *tu* se constrói na comunicação estabelecida entre os sujeitos que emergem em seus discursos, “em meio à multiplicidade de ações refratadas pela relação de cada um com a linguagem e com o meio que os contém e é contido por eles”²¹. A língua fornece ao falante a base estrutural que permite a comunicação. O aparelho que é oferecido ao homem pela língua constitui-se de duplo fundamento: assegura a subjetividade e institui a referência discursiva. A proposição da língua como estrutura básica, comum a todos os indivíduos, ao mesmo tempo em que pode ser também produção individual, é o que funda sua posição particular como “interpretante universal”. Sendo a intersubjetividade a condição para a subjetividade, é possível dizer que referenciar é, antes de tudo, (inter)subjetivar o mundo na instância de discurso em que participam *eu* e *tu*, e, nesse processo, a realidade a que acessam os sujeito se constrói na tessitura intersubjetiva que os une e une as representações de mundo socialmente partilhadas entre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta proposta, sistematiza-se que o meio cultural do qual participa o sujeito alimenta sua capacidade singular de se manifestar na e pela linguagem. Manifestação que é única e irrepetível, tanto do ponto de vista do ato enunciativo em si, como também do arranjo particular proposto pelo locutor ao entrar no terreno do discurso. Se voltarmos aos termos do artigo benvenistiano de 1968, deparamo-nos com a indicação de que “[...] tudo o que dizemos está compreendido num contexto atual e no interior de discursos que são sempre diacrônicos”²². Portanto, o homem está na língua e na língua arrecada os recursos necessários à expressão de sua historicidade. A semântica é a viabilizadora da relação entre o homem e o mundo, logo, a língua (o duplo significante) contém a sociedade e, a partir dela, o homem se relaciona com a cultura²³, experienciando a si, ao outro e ao mundo.

²⁰ Subjetividade não deve ser confundida com subjetivação. Subjetividade: capacidade de se fazer sujeito de um dizer. Subjetivação: impressão de consciente no ato-processo de enunciar.

²¹ VIER; KLAFKE, 2015: 214.

²² Artigo: “Esta linguagem que faz a história” (1968/PLGII, p. 32).

²³ De acordo com Benveniste (2014, p. 112), é a distinção linguística proposta pelo sistema dos pronomes *eu/tu versus* ele que “[...] introduz a relação de diálogo e a de alteridade” sem a qual “nenhuma sociedade é possível”.

Se é verdadeiro que a “a linguagem carrega uma matéria estranha”, como afirma Teixeira (2012: s/p), percebo que o cogito cartesiano (mencionado na introdução deste texto) evidencia a tentativa da ciência de cindir homem e linguagem, já que a tendência da ciência é a busca pela certeza, que nasce do estudo da simetria adquirida através da aplicação de um método e da observação da regularidade que dele advém. A experiência do homem no mundo, que em Benveniste (PLGI e II) lemos como possível somente na e pela linguagem, por essa ótica estaria enformada pela estabilidade que pode ser observada através de metodologias analíticas, que, ao que se sabe, dificilmente abarcam mais do que um recorte de determinado grupo humano.

A redução da experiência humana a um único sujeito, um sujeito “padrão”, separa homem e linguagem, já que torna o homem o símbolo do método, faz dele um modelo regular e previsível, torna-o marco do conhecimento descolado do caráter singular e impossibilitado de ter/viver a experiência de “ser si mesmo” na e pela linguagem. Benveniste (2006) é categórico ao dizer que a linguagem é “[...] atividade significativa por excelência [...]”²⁴. A condição da linguagem humana é única porque o homem não a fabrica, o que vemos no mundo é um “[...] homem falando com outro homem [...]”²⁵. Nesse sentido, o homem pensa porque existe na e pela linguagem. A ideia da palavra, assim, surgirá para o homem porque é na e pela linguagem que se constrói o exercício de experimentar(-se) a (auto)consciência de/sobre si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
2. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
3. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
4. DESSONS, Gerard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: In Press, 2006.
5. FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

²⁴ Artigo: “A forma e o sentido na linguagem” (1966/PLGII, p. 223).

²⁵ Artigo: “A natureza dos pronomes” (1956/PLGI, p. 285).

6. FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, dez. 2015.
7. KRISTEVA, Julia. Prefácio. Émile Benveniste, um linguista que não diz nem oculta, mas significa. In.: BENVENISTE, Émile. *Últimas Aulas no Collège de France*. Trad. Daniel Costa da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
8. LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia moderna*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
9. NORMAND, Claudine. *Saussure-Benveniste*. Letras n° 33. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/viewFile/11920/7341>. 14 mai. 2007. Acesso: 12 de jan. 2016. p. 13-21.
10. TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. Un lieu épistémologique pour l'analyse de la subjectivité dans des pratiques des soins infirmiers. Premier Congrès de la Société Internationale D'ergologie, Strasbourg. Título: *Penser autrement la vie, l'activité, le travail*. Data: 27-28 septembre – 2012.
11. V. KLAFKE, Sandra R. *Da (re)criação enunciativa da experiência humana: a fotografia como testemunho*. [Tese]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2016.
12. VIER, Sabrina; V. KLAFKE, Sandra R. *Palavras para fazer ouvir interrogações*. ReVEL, vol. 13, n. 25, 2015.

ABSTRACT: This article is based on an anthropological perspective of the reading of Émile Benveniste (1995;2006) and has the goal to present a reflection about the language as what it makes the human action in the world to be significant. Because of that, problematizes itself, from a benvenistian notion of language-discours, the metalinguistic process through which the man is inscribed in the language and fills of meaning the material that constitutes it.

Keywords: enunciation; anthropology; language; language-discours.